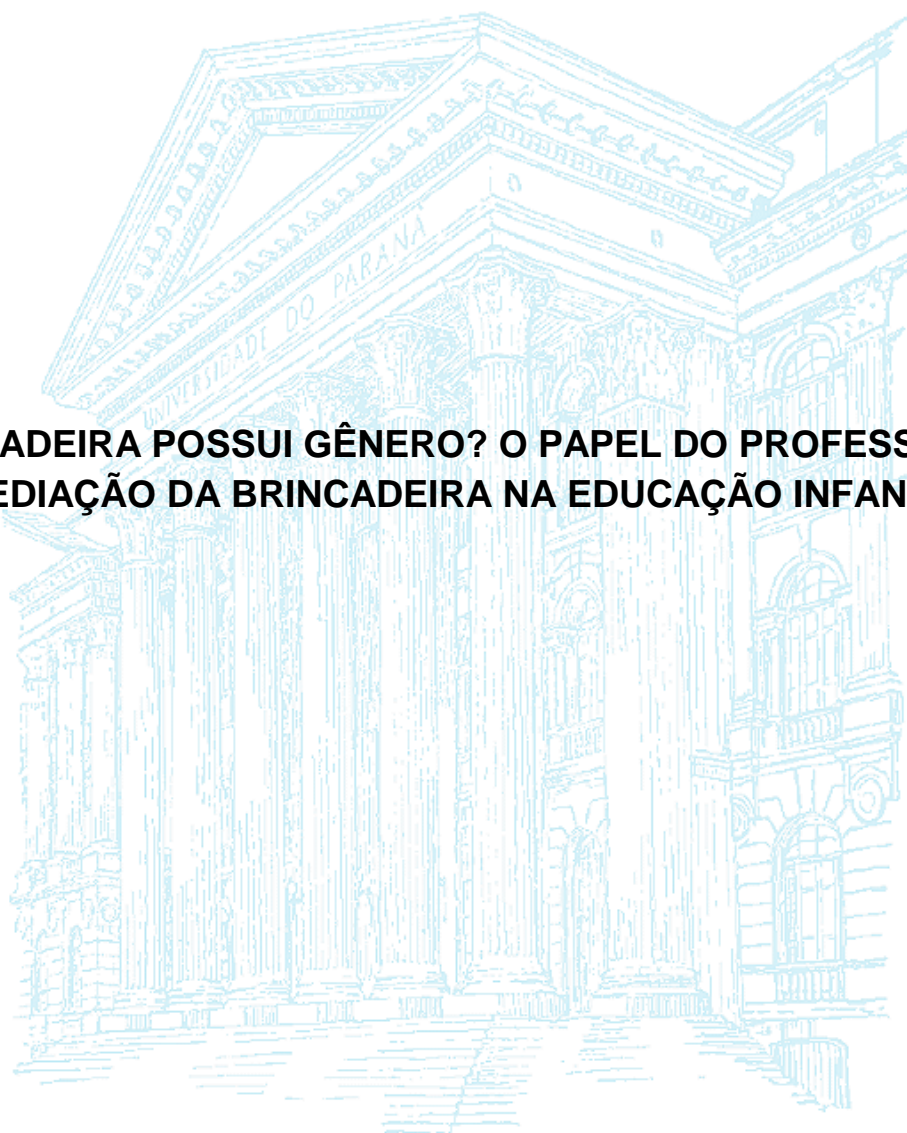


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCINÉIA ALVES DA ROCHA SILVA

**BRINCADEIRA POSSUI GÊNERO? O PAPEL DO PROFESSOR NA
MEDIAÇÃO DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**



ITAMBÉ-PR
2016

LUCINÉIA ALVES DA ROCHA SILVA

**BRINCADEIRA POSSUI GÊNERO? O PAPEL DO PROFESSOR NA
MEDIAÇÃO DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Ana Christina Duarte
Pires

ITAMBÉ-PR
2016

BRINCADEIRA POSSUI GÊNERO? O PAPEL DO PROFESSOR NA MEDIÇÃO DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lucinéia Alves da Rocha Silva¹ ; Ana Christina Duarte Pires²

¹ Graduada pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jandaia do Sul, educadora infantil na rede municipal de ensino de Maringá/Paraná E-mail: luciesli@hotmail.com

² Docente da Universidade Federal do Paraná; e-mail: anachrisdp@gmail.com

Resumo: O interesse pela temática surgiu a partir de leituras de artigos para a elaboração das atividades do curso. O conhecimento aprofundado sobre tal temática contribuirá significativamente para minha formação profissional, pois atuo na educação infantil.

Acredito que esse é um tema ainda pouco explorado no âmbito da educação, e que o profissional atuante desse grau de ensino, acaba por agir com despreparo, no momento em que se depara com as atitudes das crianças. Assim o intuito dessa pesquisa é entender como a brincadeira é vista e trabalhada na educação infantil, haja vista que contribuirá de uma forma geral com o âmbito educacional, bem como a sociedade como um todo, uma vez que as contribuições da teoria, a curto, médio e longo prazo, têm ligação com a prática. Assim sendo, torna-se necessário problematizar qual a postura do profissional atuante desta modalidade de ensino, frente aos brinquedos e brincadeiras de seus alunos, levando em consideração o gênero presente nos brinquedos e brincadeiras.

Palavras-chave: brincadeiras; educação infantil; gênero; professor

Abstract: Interest in the subject arose from reading articles to elaborate the course activities. The in-depth knowledge on this theme will contribute significantly to my professional education, because I work in early childhood education.

I believe this is a subject still little explored in education, and that the professional acting at this degree of education, eventually act unprepared, when faced with attitudes of children. So the intuit of this research is to understand how playing is viewed and worked in early childhood education, given that it will contribute in general at the educational level, as well as society as a whole, since the contributions of the theory at the short, medium and long term, are linked with practice. Therefore, it is necessary to question what is the attitude of the acting professional in this type of education, compared with toys and games for their students, taking into account gender in toys and games.

Keywords: play; childhood education; genre; teacher

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento deste artigo possuí o intuito de compreender se as brincadeiras possuem gênero. Esta é uma questão muito importante, tendo em vista que na educação infantil, as brincadeiras acontecem sob a mediação do professor, que, na maioria das vezes, passa mais tempo com as crianças, do que a própria família. Neste sentido, é importante conhecer o que é entendido como brincadeira na educação infantil e como ela é utilizada pedagogicamente.

A fim de que os objetivos sejam alcançados a pesquisa realizada será bibliográfica, aonde buscarei autores conceituados na área, e que desenvolvem pesquisas sobre a temática selecionada. Vale ressaltar que a escolha da temática desta pesquisa foi influenciada pelas leituras realizadas sobre a problemática que é vivenciada na escola contemporânea.

Partindo deste pressuposto, acredito que a brincadeira é uma atividade que permeia o processo de ensino e aprendizagem, a socialização e as relações na educação infantil, onde as crianças possuem uma faixa etária de 0 a 5 anos, e o professor é o profissional que participa desta relação, podendo influenciar positivamente ou negativamente nesta experiência.

Neste sentido, acredito que compreender o que se entende por brincadeira na educação infantil e como ela é utilizada pedagogicamente é um fator determinante para as experiências relacionadas ao gênero, levando em consideração o quanto o gênero se faz presente nas brincadeiras e nos brinquedos na educação infantil.

OBJETIVOS

GERAL

- Compreender a concepção de brincadeiras na educação infantil, assim como entender o papel do professor no processo de mediação das brincadeiras, tendo em vista o gênero que está incutido nas brincadeiras e nos brinquedos.

ESPECÍFICOS

- Conhecer o histórico da educação infantil no Brasil;

- Compreender como acontece o descobrimento da sexualidade na educação infantil (gênero feminino e masculino);
- Analisar como acontece a relação entre os gêneros no âmbito da brincadeira na educação infantil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ter um caráter exploratório. Este tipo de pesquisa possui como objetivo a discussão e polimento de ideias e ou descoberta de novas instituições. Desta forma, o planejamento do trabalho é flexível, o que possibilita o estudo de vários aspectos relativo ao objeto que está sendo estudado. Este tipo de pesquisa envolve na maior parte dos casos pesquisa bibliográfica, entrevistas e análises (GIL, 2002).

Demo (2000, p. 20) pontua que a pesquisa de base teórica, ou seja, bibliográfica, é aquela que é “dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”.

Para tanto, este artigo assume um caráter bibliográfico, que de acordo com Gil (2002) este tipo de pesquisa é realizado tendo como base os materiais já elaborados, estes materiais, em sua grande maioria, são artigos científicos, no entanto, existem pesquisas constituídas exclusivamente destes artigos. Este tipo de pesquisa é vantajosa, pois permite uma cobertura completa e maior do objeto que está sendo estudado.

A pesquisa de base teórica é a mais apropriada para este estudo que tem como objetivo a investigação compreender a concepção de brincadeiras na educação infantil, assim como entender o papel do professor no processo de mediação das brincadeiras, tendo em vista o gênero que está incutido nas brincadeiras e nos brinquedos. Partindo deste objetivo, optou-se pela pesquisa explicativa, que de acordo com Gil (1999, p. 44):

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo

é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Gil (1999, p. 65) destaca que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Nesta perspectiva, é passível de se afirmar que a pesquisa bibliográfica não consiste na mera repetição de informações que já foram escritas ou ditas, mas sim, possui como objetivo a abordagem de uma temática partindo de um novo enfoque, chegando assim, a novas conclusões (MARCONI; LAKATOS, 2010). Também cabe destacar que as referências bibliográficas podem variar, assim como as referências documentais, pois podem fornecendo ao pesquisador uma variedade de dados que exigirão processos de manuseio diferenciados. Os tipos de referências bibliográficas são: imprensa escrita, meios audiovisuais, material cartográfico e, por fim, nosso foco, publicações – livros, teses, monografias, publicações avulsas, pesquisas etc.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano. O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem.

Para definir a brincadeira infantil, ressalto a importância do brincar para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Para tanto, se faz necessário conscientizar os pais, educadores e sociedade em geral sobre a ludicidade que deve estar sendo vivenciada na infância, ou seja, de que o brincar faz parte de uma aprendizagem prazerosa não sendo somente lazer, mas sim, um ato de aprendizagem. Neste contexto, o brincar na educação infantil proporciona a criança estabelecer regras constituídas por si e em grupo, contribuindo na integração do indivíduo na sociedade. Deste modo, a criança estará resolvendo conflitos e hipóteses de conhecimento e, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de compreender pontos de vista diferentes, de fazer-se entender e de demonstrar sua opinião em

relação aos outros. É importante perceber e incentivar a capacidade criadora das crianças, pois esta se constitui numa das formas de relacionamento e recriação do mundo, na perspectiva da lógica infantil.

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homem e mulheres, desde a infância, e a construção da identidade de gênero é vivida pelas crianças através das brincadeiras, das palavras, dos gestos, das atividades reconhecidas como masculina e feminina. Nesse sentido, as crianças internalizam e reproduzem as relações estabelecidas por homens e mulheres, sendo que algumas, são caracterizadas pela reprodução de estereótipos socialmente atribuídos aos gêneros.

No CMEI (Centro de Educação Infantil) onde trabalho estas atitudes não passam despercebidas, pois nos momentos de atividades coletivas, é possível observar como tais atitudes são enraizadas através dos relacionamentos externos na família, no meio onde vivem e nos relacionamentos internos coleguinhas e toda comunidade escolar, construindo assim valores, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos. As relações sociais estabelecidas na instituição escolar, no seu dia a dia, são dinâmicas e carregadas de valores que circulam nas falas de todos que compõem seu universo. Como por exemplo vivenciei um momento coletivo no qual as crianças estavam almoçando e uma menina não parava sentada no seu lugar, a professora lhe chamou a atenção, virando-se para mim se expressou “*ela é terrível, parece um moleque*”, estas e outras expressões chamam a atenção pois estudos sobre as relações de gênero e a educação de crianças confirmam que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriadas para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenas, as normas e padrões estabelecidos. É claro que trabalhar as questões em torno de gênero e sexualidade é mais complicado do que nos parece, pois não envolvem apenas conhecimento ou informação, mas também valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser.

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de

exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 1996, 2000 e 2001).

Sendo assim a igualdade de gêneros é fundamental para se construir uma sociedade com menos preconceito e discriminação, é válido ressaltar ainda que, a educação infantil permeia essa tarefa, ou seja, é preciso que a igualdade entre homens e mulheres comece desde bebês, pois crianças que aprendem que meninos e meninas devem ter direitos, deveres e oportunidades iguais serão adultos que respeitam o outro independente do gênero. Azevedo (2003) alerta para esta realidade, deixando bem claro a partir de seus estudos que o cotidiano do ensino pré-escolar apresenta relações tradicionais de gênero que podem se constituir em desigualdades e discriminações entre meninos e meninas; as quais acabam por interferir no processo de formação das identidades das crianças; acredita, pois, ser necessário a desconstrução dessas representações no âmbito da educação infantil, ou seja, não dá para falar em igualdade de gêneros com as crianças se os adultos não aplicam na prática o que falam, de acordo com Finco

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças "aprendam", de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportasse como "verdadeiros" meninos e meninas (Finco 2007).

Auad (2006), também partilha da mesma ideia, aponta como resultado de sua pesquisa de campo, a existência de diferenças, polaridades e assimetrias de gênero, presentes em atividades que definem para as crianças o que é masculino e o que é feminino, as quais acabam por gerar, o aprendizado da separação.

Ao focar as questões de gênero nos ambientes educativos é necessário, como afirma Louro, que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. "Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas". (LOURO, 1997, p. 59).

As meninas, geralmente, gostam de brincar de salão de beleza, desfile, dança e representar a mãe nas tarefas diárias, como: cuidar das crianças, lavar as roupas, fazer comida etc. A questão com a beleza é sempre muito evidente as meninas diariamente passam baton e *glos*. Os meninos brincam com jogos de encaixe, “lutinha”, carrinhos e também representam a violência que eles vivenciavam no contexto de suas vidas, montando armas com as peças de encaixe.

Azevedo (2004 apud MARTINS, 2002, p. 2) afirma ser “a escola e as relações que as crianças estabelecem no início da escolarização, fundamentais ao desenvolvimento de sua identidade”.

O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário e social, ainda segundo o dicionário Aurélio (2003), brincar é "divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar", também pode ser "entretê-lo com jogos infantis", ou seja, brincar é algo muito presente nas nossas vidas, ou pelo menos deveria ser. É nas brincadeiras que surgem as oportunidades de ensinar sobre a igualdade de gêneros, por exemplo: brincar de casinha: nesse momento pode se sugerir que o menino seja o pai na brincadeira, e isso inclui ajudar a cuidar do filhinho, trocando sua fralda ou fazendo a comidinha. Da mesma forma a menina pode também brincar de caminhão, pode ensinar sobre as leis de trânsito. Dar um caminhão a uma menina não influencia em nada sua identidade feminina. Assim como dar uma boneca a um menino não compromete sua masculinidade. Isso não quer dizer que o professor deva fazer o menino brincar de boneca contra sua vontade, quer dizer que deve aceitar e tratar de forma natural se o menino pedir um brinquedo classificado como "de menina", o mesmo, claro, se aplica às meninas. Ao buscar as causas sociais e culturais das diferenças entre meninos e meninas, encontraremos suas origens em pequenos gestos cotidianos, como nos alerta Bíscaro (2009), analisando esse processo de construção das identidades de gênero no âmbito da educação infantil, defende em sua dissertação de mestrado que:

[...] a professora da Educação Infantil, nas suas atividades, proporciona cotidianamente aos alunos e alunas atitudes sexistas, diferenciando constantemente as atividades para os meninos e meninas, embora, ao ser questionada sobre tais atitudes, acredite que seja “natural” das crianças, ou seja, a professora não consegue perceber que ela própria, ao realizar a fila dos meninos e meninas, ao colocar na parede um cartaz escrito de um lado o nome das meninas e de outro o nome dos meninos, ao vigiar as

brincadeiras para meninos e meninas, dividir as meninas nas mesas (rosa, amarela, verde) e os meninos nas mesas (azul, marrom, verde), dividir os brinquedos que são tidos para meninos e meninas em sacos diferentes, entre outras condutas, está diariamente reforçando nas meninas e meninos o que cada um pode ou não fazer, legitimando, assim, seus lugares na sociedade (BÍSCARO, 2009, p. 125).

A criança ao brincar está trabalhando suas contradições, ambiguidades, e valores sociais: é na relação com o outro que ela constrói sua identidade. Segundo Oliveira (2000) o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade. O modo como meninos e meninas estão sendo educados pode contribuir para se tornarem mais completos e ou para limitar suas iniciativas e aspirações. No livro "Faca Sem Ponta - Galinha Sem Pé", Ruth Rocha enfatiza bem isso, a história é de dois irmãos Joana e Pedro. Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de meninos tais quais jogar bola, subir em árvore; Joana implicava com o irmão por ele às vezes ter "atitudes femininas" como chorar por causa de um filme triste, ou ficar olhando-se no espelho. Os dois sofriam cobranças de atitudes correspondentes com seu sexo por parte de seus pais, como: "menina tem que ser delicada, boazinha..." ou "filho meu não foge! Volte pra lá agora e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!". Mas em dado momento eles passam por uma experiência inusitada, um dia os irmãos voltando da escola passaram juntos embaixo de um arco-íris e trocaram de sexo. Desse momento em diante perceberam que as diferenças entre meninos e meninas não é algo que deva os preocupar, pois não existe essa história de "coisas de menino e coisas de menina". Através da narrativa divertida de Ruth Rocha, o Pedro agora é Pêdra e a Joana é o Joano, entendendo-se assim que é na relação com o outro que a criança constitui sua identidade, são inúmeras as Joanas e Pedros: meninas que têm vontade de subir em árvores, jogar futebol e brincar com espada e carrinho, e meninos que têm vontade de brincar de cozinhar na casinha, brincar com boneca, brincar de salão de beleza.

Nessa narrativa divertida, a diferença entre os gêneros, é bem visível pela permissão ou não de jogar futebol. No final do livro os irmãos conseguem passar debaixo do arco-íris novamente: Joana e Pedro deram-se as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E finalmente perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, se abraçaram e começaram a voltar para casa. Então Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa. A leitura proporciona uma visão questionadora quanto à manutenção de uma sociedade sexista. A esse respeito cito um fato ocorrido no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), onde atuo, e trabalho com uma turminha do infantil 2, na qual as crianças tem em média 2 anos, e noto que o trabalho relacionado as diversidades se torna primordial para a qualidade do ensino, pois o CMEI fica na periferia, e é muito notável que as crianças possuem diferenças de temperamento, atitudes, credo religioso, gênero, etnia, características físicas, habilidades e de conhecimentos, sendo assim procuro criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja abordada no cotidiano das crianças. Houve um fato que chamou a atenção a mais ou menos 5 meses, no final do dia sempre aplicamos uma atividade mais tranqüila com as crianças, estávamos mediando uma brincadeira de “Faz de conta” com carrinhos e bonecas, e uma mãe chegou para buscar seu filho, ele estava brincando de dar banho no nenê, quando a mãe chegou na porta o espanto dela foi tão grande que ela deu literalmente um grito com o filho: “João você tem que brincar com carrinho!”, o João ficou super constrangido. Com toda educação me levantei peguei a bolsa do João e fui com ele até à porta, e a mãe continuou dando broncas no filho, tentei falar com ela, explicar, que era apenas uma brincadeira mediada, onde ele estava aprendendo a cuidar de um Bebê, a mãe não deu atenção a minha fala e saiu resmungando. Conversei com minha supervisora e minha orientadora sobre o ocorrido e elas me orientaram a chamar a mãe para uma conversa com elas, no dia da conversa a mãe se explicou dizendo: para mim meninos brincam com carrinhos e meninas brincam de boneca e casinha, e nos indagou: se ele brincar de boneca o que vocês acham que ele vai ser quando crescer?, a orientadora fez um trabalho com essa mãe, hoje ela aceita, mas nós percebemos que ela não gosta, pois toda vez que ela chega e ele está realizando alguma atividade que ela julga ser de menina ela fica cismada conosco por alguns dias. Esta foi uma situação que infelizmente não é algo isolado, já houve outras

manifestação semelhantes que partem dos pais (ou seja de fora para dentro), com esta situação que vivenciei e observando as relações entre as crianças, foi possível levantar a hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança. São os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro.

Sempre quando fazemos a mediação nas brincadeiras e atividades deixamos que a criança escolha o brinquedo de sua preferência, e muitas vezes os meninos pegam bonecas e meninas pegam carrinhos, ou algo semelhante e entre eles revezam os brinquedos. Uma das medidas que adotamos no CMEI é amostra cultural onde os pais podem visitar a escola, para apreciarem as atividades realizadas pelos filhos, é uma forma que encontramos para que os pais também participem da vida escolar dos filhos, e vejam de perto suas criações. Também nas reuniões com os pais a supervisora trabalhou o tema: “Brinquedos: este é de menina ou de menino?”, foi muito produtiva essa atitude, pois vários pais vieram falar conosco após a reunião que gostaram muito do tema, e que não haviam pensado a respeito de como orientam as brincadeiras dos filhos.

E com as crianças fiz um trabalho voltado à esta questão, trabalhei várias brincadeiras de forma coletiva, buscando organizar e deixando disponível e dando acesso a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e conhecerem papéis sem determinar posições e comportamentos para meninos e meninas favorecendo a não determinação de papéis específicos em função de seu sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos constatar quais são os valores de gênero inculcados por meio do brincar na educação infantil, questionar conceitos, pré-concebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas, para isso é necessário que educadores e educadoras revejam suas práticas pedagógicas para não reproduzirem preconceitos e estereótipos de gênero presentes na sociedade, pois Martins (2002 apud

AZEVEDO, 2004) afirma ser “a escola e as relações que as crianças estabelecem no início da escolarização, fundamentais ao desenvolvimento de sua identidade”.

Relacionar gênero e infância nos permite enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim é necessário compreendermos enquanto educadores infantis que o cuidar-educar estar presente em todas as atividades desenvolvidas na escola, nas brincadeiras propostas, ou brincadeiras livres, estaremos dando a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude.

Deste modo o objetivo desta pesquisa, se volta compreender a concepção de brincadeiras na educação infantil, assim como entender o papel do professor no processo de mediação das brincadeiras, tendo em vista o gênero que está incutido nas brincadeiras e nos brinquedos, já que a construção da identidade de gênero é vivenciada pelas crianças da educação infantil por meio das brincadeiras, palavras, gestos, atividades reconhecidas como masculina e feminina, cabe ainda que provoquemos reflexões, discussões e a crítica da concepção de gênero, muitas vezes, pautada na desigualdade entre homens e mulheres.

Partindo desse pressuposto podemos verificar que enquanto a criança brinca a mesma percebe a necessidade do outro e isso faz com que desenvolva potencialidades onde aprende a compartilhar e a respeitar o direito dos outros e também as normas estabelecidas pelo grupo. Ora a mesma busca pelas brincadeiras um próprio sentido a sua vida, com isso as questões sobre gênero que irão surgindo no decorrer do cotidiano devem ser tratadas de forma coerente, dinâmica e esclarecedora para desmitificar conceitos já pré estabelecidos por essa sociedade que de maneira ainda bem rudimentar estão sendo verificados e questionados na atualidade.

Desta forma trabalhar com esse tema na educação infantil se faz necessário e imprescindível, que o professor tenha uma concepção versátil sobre gênero e diversidade bem contextualizada para que não deixe se contaminar pelos preconceitos, vez que estamos lidando com uma faixa etária em que se desenvolve a autonomia, a criatividade, a identidade, a imaginação, a imitação, a convivência, o senso de justiça e socialização. Onde a criança vai aprender a ouvir a opinião dos outros, cooperar e cumprir regras, criar e recriar, saber dos seus limites adquirindo assim novos conhecimentos e novas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro. **Representações de Gênero e as atividades lúdicas na educação de crianças.** (2015?) Disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca_mostra.asp?id=1382>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos:** relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro de. Representações de gênero e as atividades lúdicas na educação de crianças. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 7., 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: Niterói, 2004. p. 327- 330.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil.** 2009. 138 pag. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

DEMO, Pedro. Pesquisa e construção do conhecimento. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Escolar Século XXI: **o minidicionário da língua portuguesa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FINCO, Daniela. Por uma educação com igualdade de gênero na infância. **Mundo da Diversidade da Revista Maringá Ensina**, Maringá, ano 2, n. 6, pág 38-39, maio/jul. 2007.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil.** PRO- POSIÇÕES, Campinas, SP, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5. ed. Atlas, São Paulo: 2010

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta galinha sem pé**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. (org). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.